

Formação inicial de professores em Educação Física durante a pandemia de Covid-19: o memorial como dispositivo de (auto)formação

Initial teacher training in Physical Education during the Covid-19 pandemic: the educational memoir as a (self)training device

Formación inicial de profesores de Educación Física durante la pandemia de Covid-19: el memorial como dispositivo de (auto)formación

Destaques

- Processos de formação inicial de professoras de Educação Física no contexto da pandemia de Covid-19.
- Os memoriais tocam em elementos caros ao campo da Educação Física: corpo e práticas corporais.
- Memorial como possibilidade de manter vivas as próprias memórias, de alentar-se e de intercambiar experiências.

Fabiola Oliveira Batista¹

<https://orcid.org/0000-0002-1771-5518>

Gabriella de Oliveira Reis²

<https://orcid.org/0009-0008-6757-614X>

Rosianny Campos Berto³

<https://orcid.org/0000-0003-3143-3258>

¹ Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo – Brasil. E-mail: fabatista1@gmail.com.

² Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo – Brasil. E-mail: gabriellareis.edu@gmail.com.

³ Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo – Brasil. E-mail: rosianny.berto@ufes.br.

Resumo

Este texto objetiva compreender processos de formação inicial de estudantes do curso de Educação Física, no contexto da pandemia de Covid-19, considerando duas diferentes experiências formativas narradas e problematizadas em perspectiva autobiográfica, sob a forma de memoriais de formação. O estudo interroga os percursos de experimentação docente e a relação com as práticas corporais que constituem parte dos saberes do campo da Educação Física. Situado no campo da Pesquisa (Auto)biográfica, caracterizada como movimento de investigação-formação, o presente trabalho toma como fontes dois memoriais de formação produzidos entre 2020 e 2023 como Trabalho de Conclusão de Curso, examinados à luz da análise compreensivo-interpretativa (Souza, 2014). No exame dos memoriais, observam-se elementos comuns entre os percursos das estudantes, que envolvem, em especial, os eixos de construção da narrativa, relacionados com as experimentações docentes e as práticas corporais, evidenciando a complexidade do processo de formação no cenário desafiador da pandemia de Covid-19. Em meio a limites impostos pelo distanciamento social, o memorial de formação afirmou-se como ferramenta de pesquisa-formação, capaz de possibilitar espaços-tempos de



rememoração, reflexão e ressignificação da vida, articulando experiências individuais e coletivas em tempos tão complexos.

Palavras-chave: Memorial de formação. Formação inicial. Pesquisa (auto)biográfica. Pandemia de Covid-19.

Abstract

This paper aims to understand the initial training processes of students in the Physical Education course, in the context of the Covid-19 pandemic, considering two different learning experiences narrated and problematized in an autobiographical perspective, in formation memorials. The text questions the paths of teacher experimentation and the relationship with body practices, which are part of the knowledge of Physical Education. Situated in the field of (Auto)biographic research, characterized as a research-training movement, it takes as sources two training memorials produced between 2020 and 2023 as Course Completion Work, examined in the light of the comprehensive-interpretative analysis (Souza, 2014). In examining memorials, common elements are observed among the students' paths, which involve the axes of narrative construction, related to the teaching experiments and the corporal practices, highlighting the complexity of the training process in the challenging scenario of the Covid-19 pandemic. Amid the constraints imposed by social distancing, the educational memoirs emerged as a research-training tool capable of creating space-time for remembrance, reflection, and the resignification of life, articulating individual and collective experiences in such complex times.

Keywords: Memorial of formation. Initial training. Research (auto)biographical.

Resumen

Este texto tiene como objetivo comprender los procesos de formación inicial de los estudiantes de Educación Física en el contexto de la pandemia de Covid-19, desde dos experiencias formativas diferentes, narradas y problematizadas desde una perspectiva (auto)biográfica en forma de memoriales de formación. Se interrogan los trayectos de la experiencia pedagógica y su relación con las prácticas corporales, las cuales forman parte de los saberes de la Educación Física. Situado en el campo de la investigación autobiográfica, caracterizada como un movimiento de investigación-formación, este estudio utiliza como fuente dos memoriales de formación realizados entre 2020 y 2023 como Trabajo de Conclusión de Curso, los cuales se analizaron desde una perspectiva comprensivo-interpretativa (Souza, 2014). El análisis de los memoriales revela elementos en común en los recorridos de los estudiantes, principalmente en torno a los ejes de la construcción narrativa, relacionados con las experiencias de enseñanza y las prácticas corporales, destacando la complejidad del proceso formativo en el desafiante contexto de la pandemia de Covid-19. En medio de los límites impuestos por el distanciamiento social, el memorial de formación se ha consolidado como una herramienta de investigación-formación capaz de propiciar espacios-tiempos de memorias, reflexión y resignificación de la vida, articulando experiencias individuales y colectivas en tiempos tan complejos.

Palabras clave: Memorial de formación. Formación inicial. Investigación (auto)biográfica. Pandemia Covid-19.

1 Introdução

Na primeira metade do século XX, o filósofo alemão Walter Benjamin lamentava a perda da capacidade humana de narrar. Narrar era, para ele, naquele momento, uma capacidade rara e em crise diante dos “avanços” do mundo capitalista moderno, ou mais especificamente, das técnicas que chegavam pela via da indústria, do rádio, da TV, da capacidade técnica de reprodução. Para Benjamin, a experiência só era possível na coletividade, na partilha da vida em comum (*Erfahrung*), e a vivência se constituía como uma característica do indivíduo solitário (*Erlebnis*). Narrar, então, consistia em transmitir uma experiência no sentido pleno. Logo, só era possível a quem viveu uma história e teria o poder de passá-la adiante. A narrativa, nesse sentido, dependeria do outro: daquele que viveu e daquele que seria capaz de ouvir. O ato pressupunha (e ainda pressupõe) “uma comunidade de vida”, sendo mais eficaz se fosse comum a quem narra e a quem ouve.

Inspiradas nessas reflexões, interrogamos neste texto possibilidades de produção, narração e reflexão das experiências vividas em contexto remoto, mediadas pela tecnologia. Problematicamos o processo formativo e os saberes que constituem a formação docente em um campo específico – a Educação Física – em que os conhecimentos se constroem por intercâmbios de saberes que se produzem no/sobre o corpo. Com isso em vista, este texto objetiva narrar e problematizar processos de formação inicial de professoras de Educação Física no contexto da pandemia de Covid-19. O estudo toma como ponto de partida as conexões entre diferentes experiências de vida e formação narradas em perspectiva autobiográfica por duas estudantes do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), autoras deste texto em coautoria com a respectiva orientadora em comum.

O memorial de formação constitui-se como uma das modalidades oficiais de produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no curso de Educação Física – Licenciatura da Ufes. É descrito em seu Projeto Pedagógico como:

[...] um exercício de interrogação de nossas experiências e de informações que confirmam novos significados ao nosso presente. É o resultado de uma narrativa da própria experiência retomada a partir dos fatos significativos que nos vêm à lembrança. Fazer um memorial consiste, então, em um exercício sistemático de reflexão, escrever a própria história, rever a trajetória de vida e aprofundar a reflexão sobre ela (Ufes, 2014, p. 59).

Ao olhar para os memoriais como fontes de análise, buscamos compreender o modo como se constituíram os percursos de experimentação docente vivenciados durante as duas trajetórias formativas narradas, considerando a especificidade da área de formação e o caráter experimental de parte dos saberes do campo da Educação Física que tematizam as práticas corporais.

Considerando, como propõe Nóvoa (2004), que toda formação é autoformação, e compreendendo, ainda, que o lugar ocupado pelo corpo nas narrativas de vida centradas na formação experiencial está integrado à procura de potencialidades da consciência por vias corporais (Josso, 2012), questionamos as possibilidades de produção de experiências mediatizadas pelas tecnologias do nosso tempo: como constituir uma relação com saberes corporais em atividades que passaram a ser remotas? Como construir conhecimentos sobre práticas e processos que carecem da coletividade e do encontro físico para se concretizarem?

No diálogo com essas questões, tomamos como fontes dois memoriais de formação¹ produzidos entre os anos 2020 e 2023 como Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), que têm em comum os desafios que envolveram as práticas corporais e as vivências da docência, experimentadas em diferentes momentos, ao longo do período de distanciamento social necessário durante a pandemia de Covid-19.

Constituído como gênero acadêmico inserido no movimento socioeducativo da escrita das histórias de vida como prática de formação (Silva, 2013), o memorial é compreendido como trabalho de reflexão realizado sob a perspectiva da pesquisa-formação (Abrahão, 2011; Passeggi, 2016), assim como registro permeado de compartilhamentos e intercâmbios vividos durante o processo formativo.

Situado no campo da Pesquisa (Auto)biográfica (Abrahão, 2013) e caracterizada como movimento de investigação-formação nos estudos em Educação, o texto parte de uma análise compreensivo-interpretativa (Souza, 2014) dessas fontes. Tal procedimento, que busca constante diálogo e reciprocidade entre cada um dos três momentos de análise previstos (pré-análise/leitura cruzada; leitura temática/unidades de análise descritiva; e leitura interpretativa-compreensiva), nos conduz à apreensão das singularidades das histórias de vida, assim como

¹ Com vistas a seguir os termos das Resoluções nº 466/12 e nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012; 2016), que tratam da ética em pesquisas com seres humanos, a proposta de análise dos memoriais de formação produzidos no curso em questão foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) por meio da Plataforma Brasil. O projeto foi aprovado em parecer consubstanciado de número 6.275.602.

regularidades e irregularidades de ambos os memoriais, com vistas a construir, desse modo, elementos comuns entre as trajetórias das estudantes e os eixos de reflexão dos percursos formativos, de modo a compreender as potencialidades do memorial de formação como espaço/tempo de reflexão.

Os memoriais de formação analisados neste texto foram produzidos em dois diferentes momentos da pandemia de Covid-19. O primeiro, defendido em 2022, tomou forma ao longo da fase pandêmica inicial; o segundo, na fase final, com defesa no começo do ano de 2023.

No exame da construção narrativa desses textos, observamos elementos comuns entre as escolhas e os percursos das estudantes, que envolvem desde as orientações teóricas adotadas – a partir, principalmente, das recordações-referências e das experiências formadoras, em Josso (2004) – até os eixos de reflexão do percurso formativo, relacionados com as experimentações docentes e com as práticas corporais, evidenciando a complexidade desse processo diante do cenário desafiador da pandemia de Covid-19.

2 “Um bordado inacabado”: entre a ausência das práticas corporais e a ressignificação das experiências de iniciação à docência

Sou feita de retalhos.

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.

Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...

Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...

Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

(Cris Pizzimenti, 2013)

No primeiro memorial em análise, defendido no ano de 2022, a estudante-autora² revisita suas memórias de infância e de seu processo de escolarização com vistas a compreender os percursos que a levaram à escolha da área de formação – a Educação Física – licenciatura –

² Neste texto, as autoras dos memoriais analisados serão designadas ora como estudantes-autoras, ora como professoras em formação, e seus memoriais, tomados como fontes de análises, serão indicados ao longo do texto como Memorial I quando nos referirmos àquele defendido em 2022, e Memorial II quando fizermos menção ao que foi concluído e defendido no ano de 2023.

passando a cotejá-las com a problematização de sua trajetória na universidade. Por meio de registros pessoais e acadêmicos, como relatos de experiência, fotografias, portfólios e registros em cadernos, produzidos durante a formação inicial, busca compreender os fios condutores do processo de tornar-se professora de Educação Física.

Em sua narrativa, as primeiras relações estabelecidas com o curso de licenciatura em Educação Física foram de felicidade e de surpresa pelas possibilidades de acesso ao conhecimento que ele ofertava. A euforia da chegada ao curso foi rapidamente substituída por sentimentos de inadequação e de incerteza decorrentes da falta de afinidade que a estudante-autora julgava ter com as práticas corporais que passou a acessar a cada semestre do curso. Essa questão se tornou o eixo principal das interrogações e das reflexões registradas em seu memorial, no qual ela narra os (auto)julgamentos sobre uma suposta ausência de vivências com as atividades corporais durante sua trajetória anterior ao curso e sobre suas “competências” docentes. Dizia ela:

[...] parecia que eu tinha pouca ‘bagagem’ com as práticas corporais, comparada aos meus colegas. Percebi que após eu realizar o sonho de entrar na universidade, agora eu deveria me formar e, talvez, a área escolhida não fosse aquela com a qual me identificasse. O sentimento de realização e alegria ao conseguir a vaga foi tomado pelas inseguranças com a carreira, afinal, minha escolha situou-se no **campo da estratégia de ação**, pela maior facilidade de ingresso em relação a outros cursos. Então eu venho de uma não relação com as práticas corporais para uma graduação em Educação Física que tematiza diretamente as práticas corporais (Memorial de Formação I, 2022, p. 42, grifo nosso).

Nesse processo inicial, eivado de inseguranças, a estudante-autora passou a questionar sua escolha profissional, reinterpretada na narrativa como uma estratégia de ação (Dubet, 1994), perguntando-se:

Como eu, desprovida de experiências com as práticas corporais na Educação Física, poderia atuar na área e ainda ser professora de outros sujeitos? De que forma poderia possibilitar uma experiência formativa aos meus alunos, que faça sentido e produza significado para eles, sendo que eu mesma não tive uma experiência assim na Educação Física? Como posso ser uma professora competente? Como questionamentos como esses atravessam a formação dos licenciandos em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos (Cefd/Ufes)? (Memorial de Formação I, 2022, p. 12).

Nos primeiros semestres da formação inicial, ao observar as experiências de seus colegas, ela passou a considerar que, para estar em um curso de Educação Física e, posteriormente, ser qualificada como professora desse componente curricular, seria necessário ter uma certa “bagagem” (Quaranta; Pires, 2019) de experiências corporais construída anteriormente à graduação, tanto dentro quanto fora da escola.

O sentimento da estudante não está desconectado do que, historicamente, tem perpassado os imaginários e as escolhas dos estudantes de licenciatura em Educação Física. Segundo as análises de Figueiredo (2008), existe uma correlação entre as experiências sociocorporais de professores em formação e a motivação para a escolha da área. A maior parte dos estudantes participantes da pesquisa realizada pela autora indicaram ter escolhido a Educação Física motivada pela identificação com o esporte de alto rendimento ou pela própria vivência escolar relacionada ao esporte.

No caso da estudante-autora do Memorial I, conforme sua escrita avançava, os processos de reflexividade crítica e autoanálise foram se aprofundando. No reencontro com suas memórias e registros, deparou-se com um texto de Rubem Alves (1989), intitulado *O Corpo e as Palavras*, que a ajudou a repensar aspectos de sua jornada na formação inicial. Inspirada por esse ensaio, no qual o autor *outsider* questiona uma certa Educação Física – aquela que, em nossa sociedade, reforça um estereótipo que atende apenas aos corpos ditos perfeitos, tomados como meios para fins de competição, e que nunca encontram paz ou amor em tempos e espaços de brincar e de ser feliz –, a professora em formação retoma as memórias de sua infância. Nas *recordações-referências* (Josso, 2004) desse tempo, está guardada a lembrança das relações que ela construiu, ainda criança, com a prática da natação, por indicação médica.

Enquanto registrava suas memórias, lembrou-se de que, naquele contexto, as aulas de natação transformaram-se não somente em *locus* de aprendizagem dos fundamentos e de restabelecimento da saúde, mas, principalmente, de experimentação da brincadeira. Em reflexão inspirada em Alves (1989), compreendeu que aquela prática não significava para ela um espaço/tempo para “lutar” contra a água no menor tempo possível, vencendo sua resistência de massa líquida, como as nadadoras que competem em olimpíadas. Era, ao contrário, um momento para “abraçá-la” e ter uma experiência de prazer com um fim em si mesmo, pois, como lembra o filósofo-educador, para as crianças, “[...] a água é parceira num jogo de amor, e nadar é ficar com ela o maior tempo possível” (Alves, 1989, p. 39).

Nesse processo, a estudante-autora indica que a escrita do memorial se tornou um exercício de transformação que alterava, paulatinamente, suas perspectivas para uma nova compreensão sobre o que significa ter experienciado as práticas corporais:

[...] percebo, finalmente, que a minha suposta ‘ausência’ de experiências com as práticas corporais não é verdadeira, pois tive experiências. Não foi uma relação construída em um ‘nível de atleta’ como eu idealizava como prática de Educação Física, mas, ainda assim, foi uma experiência de uma Educação Física em paz com o corpo e que não se esqueceu da arte de brincar e de ser feliz, do corpo reconciliado com o espaço e o tempo, não desejando vencê-los, mas apenas usufruí-los (Memorial de Formação I, 2022, p. 43).

Além do reencontro com as experiências vividas, as reflexões produzidas no processo de escrita foram, aos poucos, conectando-a com a possibilidade de exercer a docência em Educação Física, de modo que:

[...] escrever e refletir com maior profundidade sobre as minhas experiências do passado e do presente, permitiu que eu me conhecesse internamente e me fez compreender muitos dos meus comportamentos e transformar perspectivas. As inseguranças com relação a ser uma professora competente de Educação Física por conta de uma ‘ausência’ de experiências com as práticas corporais, foram supridas por mudanças e transformações internas ao longo da minha trajetória de formação no Cefd/Ufes. As ações de autoexclusão de vivências e experiências sociocorporais/culturais durante a minha passagem escolar como aluna na Educação Física Escolar decorrentes do medo de exposição, despertaram em mim o interesse por criar estratégias, de modo a fazer diferente com meus alunos no futuro como docente (Memorial de Formação I, 2022, p. 75).

Por conseguinte, os processos de narrar e problematizar experiências, além de provocarem reflexões sobre recordações de infância e a relação delas com o percurso formativo na universidade, ajudaram a compreender que outras práticas corporais vividas nos espaços/tempos do curso, como disciplinas, estágios supervisionados, projetos de extensão, programas pedagógicos e oficinas desenhavam, em conjunto, um “bordado inacabado”³: a identidade em formação como professora de Educação Física.

Passou a compreender, então, que as práticas corporais vividas durante a licenciatura em Educação Física, no período que antecedeu a pandemia de Covid-19, constituíram-se como

³ A expressão faz referência ao poema de Cris Pizzimenti (2013) intitulado como *Sou Feita de Retalhos* na epígrafe do tópico.

experiências formadoras (Josso, 2004), pois possibilitaram a expressão de novas mensagens gestuais inseridas na cultura corporal, permitindo, como indicam Gomes, Sant’Agostino e Betti (2005), a experiência da criação e da descoberta. Ao mencionar o ditado popular “[...] o que o corpo faz a mente não esquece” (Memorial de Formação I, 2022, p. 51), a professora em formação reforça a importância de experienciar as práticas corporais na graduação para compreender as potencialidades do próprio corpo e os aprendizados incorporados. Nesse sentido, Josso (2012, p. 25), ao refletir sobre o corpo evocado nas narrativas, destaca que a dimensão corporal das vivências oferece, ao longo de toda a existência, potencialidades para tomarmos nosso “ser-no-mundo”.

Entre as *experiências formadoras* produzidas por vias corporais, a estudante-autora destaca a vivência da prática de futevôlei em uma praia próxima à região da universidade, como possibilidade de acesso ao esporte durante a disciplina “Educação Física, Corpo e Movimento”. Ela narra, também, o contato com as práticas do maculelê, do forró e das danças pomeranas na “Oficina de Docência em Danças e Folguedos”, além da aprendizagem de movimentos ginásticos, que não imaginava ser capaz de realizar, durante as aulas da “Oficina de Docência em Ginástica Geral”. Sobre essas redescobertas, ela reflete: “[...] compreendo que essas aulas me permitiram uma aprendizagem corpórea dos conteúdos, mudando a forma como eu via as práticas corporais, o corpo, e, como eu me via na Educação Física [...]” (Memorial de Formação I, 2022, p. 51).

Nesse enredo em construção, as palavras de Josso (2012, p. 20-21, grifo da autora) sobre as descobertas propiciadas pelo processo de narrar-se passaram a fazer sentido. Para a autora,

A reflexão biográfica permite, pois, um colocar-se na escuta, e uma exploração das emergências interiores (sob forma de desejos, expectativas, projetos) que desvelam uma busca ativa de realização do ser humano em *potencialidades insuspeitáveis, inesperadas*. Tais descobertas pressupõem uma visão do homem (uma das facetas de nossa cosmogonia) que nos autoriza a imaginar e a crer na possibilidade de poder, querer e ter que desenvolver ou adquirir saber-fazer, saber-sentir, saber-pensar, saber-escutar, saber-denominar, saber-imaginar, saber-avaliar, saber-perseverar, saber-amar, saber-projetar, saber-desejar, saber-ser em relação com um si encarnado etc., necessários às mudanças, à acolhida do desconhecido que vem a nosso encontro *desde o momento em que deixamos o caminho da vida programado por nossa história familiar, social e cultural*.

Assim, podemos considerar que a reflexão biográfica, enquanto processo profundo de escuta e autoexploração, possibilita a emersão de desejos, expectativas e projetos que desvelam

dimensões ocultas do potencial humano. Esse processo vai além da simples aquisição de habilidades, promovendo o desenvolvimento de saberes que abrangem aspectos emocionais, cognitivos e relacionais. Ao sair do caminho previamente traçado pela história familiar, social e cultural, a professora em formação foi convidada a acolher o desconhecido e a se abrir para transformações que envolvem o EU-corpo em todas as suas facetas. Essa visão propõe uma construção contínua da identidade, impulsionada pela capacidade de se adaptar e de responder às mudanças que surgem ao longo da vida (Josso, 2012).

A pandemia de Covid-19 teve início na segunda metade de sua formação inicial, entre os anos de 2020 e 2022, impedindo a realização dos estágios supervisionados presenciais, compreendidos como espaços-tempos fundamentais para criar conexões singulares com o campo de atuação e com a docência. O estágio supervisionado é considerado como um espaço privilegiado para a formação docente por significar uma oportunidade de olhar com mais calma para as ações de planejar, desenvolver e avaliar as experiências no decorrer do curso (Quaranta; Pires, 2013).

Devido ao distanciamento social, os estágios tiveram de ser realizados por meio de plataformas *on-line*, sem contato presencial com as escolas, com a prática docente e com os estudantes. Nesse período, foram realizadas as propostas que pareciam possíveis naquelas condições extremas: encontros virtuais com os professores de Educação Física da escola para conversar sobre a realidade da Educação Básica e do ser professor nas instituições públicas; além da construção, em grupos, por meio remoto, de trabalhos e planejamentos de aulas que pudessem ser desenvolvidas pelos professores convidados com seus estudantes, também a distância.

Diante da ausência das disciplinas de estágio supervisionado de modo presencial, a escrita do memorial proporcionou à professora em formação a possibilidade de retomar os saberes da prática docente que acumulou ao longo dos anos anteriores em programas de ensino, pesquisa e extensão dos quais participou até o começo do distanciamento social. Por meio dessa escrita autobiográfica, pode refletir sobre o modo como essas iniciativas a ajudaram a constituir uma identificação com a docência, no ensino das práticas corporais que pareciam tão ausentes em sua história de vida.

Desse modo, a experimentação como bolsista de extensão com crianças com deficiência em um laboratório de Educação Física adaptada; a vivência, juntamente com professores da educação infantil, no tempo em que esteve vinculada ao Programa Institucional de Bolsa de

Iniciação à Docência (Pibid); e a colaboração com o ensino de natação, quando vinculada ao projeto de Iniciação e Aprimoramento de Modalidade Esportiva, a levaram a perceber o conjunto de experiências que acumulou ao longo do curso, não somente com a vivência das práticas corporais, mas com as possibilidades de seu ensino. Segundo ela, as experiências pedagógicas vividas presencialmente, “[...] de alguma forma, substituíram as vivências com a docência na área da Educação Física que seriam possibilitadas durante esses estágios” (Memorial de Formação I, 2022, p. 65) e a ajudaram a ressignificar o seu percurso formativo e a conexão com o campo da Educação Física.

Logo, a escrita do memorial ou narrativa autobiográfica, exercitada completamente em tempos de distanciamento social, possibilitou que a estudante-autora olhasse com menos dor para a ausência de estágios supervisionados ou das práticas corporais que não acessou por conta do isolamento social ou mesmo no passado como criança.

3 “Me conta da tua janela”: a pandemia de Covid-19 como desafio e como oportunidade

*Passa aqui depois das seis
Sei lá, tô com saudade de te encontrar
É que aqui [...] tá quieto demais
E as minhas paredes parecem fronteiras
Se não der, tenta ligar
A gente resume a distância
Me conta da tua janela
(Anavitória, 2020)*

A estudante-autora do segundo memorial, escrito ao longo da pandemia de Covid-19 e concluído no ano de 2023, quando as atividades remotas foram completamente retomadas, indica o processo pandêmico como fator preponderante da reflexão construída em seu memorial, problematizando práticas formativas majoritariamente remotas nos dois anos anteriores. A transição abrupta para o ensino virtual lançou desafios para a sua formação, especialmente no contexto de um curso no qual a experimentação das práticas corporais e dos saberes que as envolvem é fundamental. A pandemia, contudo, emergiu não apenas como obstáculo, mas também como oportunidade de reflexão e ressignificação de sua formação

docente. Os registros abordam a jornada formativa, destacando a importância do memorial como espaço/tempo de reflexão sobre influências pessoais, acadêmicas e sociais.

Como professora em formação, ela considera a escrita do memorial um processo reflexivo e formativo essencial para a sua constituição profissional, no qual a narrativa autobiográfica atua como um espaço/tempo de questionamento e de ressignificação de suas experiências. A partir do questionamento inicial — “Por que escrever um memorial?” —, ela reflete sobre a profundidade desse exercício, que se constitui, em suas palavras, como uma “interrogação de nossas experiências”, permitindo revisitar e reinterpretar a trajetória pessoal e formativa em conexão.

Esse exercício sistemático de revisão da própria história, aliado à análise crítica de suas *recordações-referências* (Josso, 2004), configura a escrita do memorial como um momento formativo que ultrapassa a simples documentação de fatos. Enfatiza-se que essa prática vai além de um registro, assumindo a função de um processo contínuo de autoformação e de transformação. Ao ressignificar sua trajetória, a estudante-autora propõe a noção de *(trans)formação*, sugerindo que a escrita a permite atribuir novos significados ao seu percurso formativo, conectando o desenvolvimento de sua identidade docente a mudanças pessoais profundas que emergem de uma (auto)exploração reflexiva.

A pandemia de Covid-19 impôs um cenário no qual o ensino remoto tornou-se obrigatório, exigindo que os estudantes encontrassem novas formas de interação e desenvolvimento pedagógico. No entanto, o relato evidencia as dificuldades enfrentadas nesse período, como o impacto do isolamento físico e a falta de experiências “práticas” presenciais, que são essenciais para o processo de formação em Educação Física. Nesse sentido, Josso (2012, p. 21) lembra que é preciso

[...] definir orientações de vida que satisfaçam a um sentimento de integridade e de autenticidade, pôr em evidência a formação dos sentimentos e dos valores que dão sua palheta de cores a nossa definição do conforto de viver e, finalmente, a busca de um saber-viver o corpo como ponto de apoio, fundamento e recurso de um processo de transformação do ser encarnado, em maior ou menor profundidade.

Sob tal contexto, durante o isolamento social, a mudança de paradigma para a formação em Educação Física evidenciou a centralidade do corpo, não apenas como objeto de movimento, mas também como mediador das emoções impostas pela pandemia, desafiando a

“tradição” da Educação Física que limitava a prática corporal à presença física. Isso exigiu um *saber-viver* (Josso, 2012) pautado na conexão consigo e com os outros de forma virtual, mostrando que o corpo transcende seu papel biomecânico, com outros modos de ser e integrar o mundo.

O momento também produziu desafios tecnológicos, especialmente pela necessidade de adaptação a um ensino mediado pelas “janelas” virtuais, que não reproduzem o ambiente de aprendizado corporal coletivo necessário a essa formação específica que envolve a Educação Física:

Durante os dois primeiros períodos, o EARTE⁴ foi marcado pela ausência total de vivência das práticas corporais em minhas aulas. Havia conversas sobre experiências anteriores com as práticas corporais, mas elas não estavam presentes nesse momento da formação (Memorial de Formação II, 2023, p. 50).

Essa ausência que a incomodava permitiu reflexões pautadas no conceito de experiência. Sobre isso, Silva *et al.* (2009, p. 22-23) diziam que:

Quando verbalizada, a experiência não se coloca de forma transparente, assim como não há correspondência objetiva, exata, entre a experiência e aquilo que se pensa ou que se diz ter experienciado. A experiência permanece, assim, submersa no sujeito, vislumbrada na narrativa, mas mergulhada na corporalidade, e, nem por isso é menos importante [...]. A fruição de uma experiência no grau de envolvimento que algumas práticas corporais podem proporcionar colocar em jogo o conjunto dos órgãos e sentidos humanos, retoma possibilidades sensíveis esquecidas, possibilidades, essas, que podem fornecer outros registros a partir do qual o sujeito pode reconstruir.

Ao longo do registro de suas reflexões, a estudante-autora, que se encontrava no começo da formação em Educação Física, e que ainda não havia vivenciado disciplinas relacionadas com as práticas corporais, perguntava-se sobre como seria possível construir, virtualmente, esses saberes. No relato, ela indica que as primeiras tentativas de construir uma relação com as práticas corporais aconteceram em duas disciplinas cujo foco era a dança:

⁴ Ensino-Aprendizagem Remoto Temporário e Emergencial (EARTE). Modelo de ensino adotado pela universidade durante o isolamento social da pandemia de Covid-19, permitindo a realização de aulas remotas como solução temporária para a continuidade das aulas.

Eu na minha casa e meus/minhas colegas e professoras nas casas deles/as. Mediados/as pelas janelas dos computadores, dançamos sozinhas/as ou acompanhadas/os? Não busquei respostas para essa pergunta, porque, para mim, o importante dessa experiência foi o reencontro com as práticas corporais, até então, ausentes no meu processo de (trans)formação (Memorial de Formação II, 2023, p. 49).

A reflexão se aprofunda com Wosien (2000, p. 26), para quem “[...] a dança é simplesmente vida intensificada [...]. A dança se comunica do ponto onde a respiração, a representação, a imagem e a vivência onírica afloram e se tornam criativas, desprendidas do plano da realidade prosaica e dos grilhões terrestres”. Com essa observação, a estudante-autora entendia que intensificar a vida, diante de todo o contexto da pandemia, era e continuaria sendo necessário para seguir no caminho de tornar-se professora.

Segundo suas reflexões, o ensino remoto emergencial inviabilizou as práticas corporais específicas da formação em Educação Física e afastou os sujeitos da formação que acontece fora da sala de aula, nos corredores, por meio de conversas e compartilhamentos diários sobre questões que atravessam o currículo e a vida. Nesse sentido, a professora em formação ressalta os encontros virtuais, especialmente aqueles vinculados à unidade de ensino “Seminário Articulador de Conhecimentos”⁵, como espaços/tempos de trocas, escutas, intercâmbio de dores e de afetos. Nesse contexto, a formação para a docência foi, para essa estudante, um processo doloroso. Essa afirmação se baseia nos registros que fez no Portfólio Acadêmico, ainda no ano de 2020, quando se questionava: *o novo ou o ainda?*

Para mim, o período 2020/2 é marcado por adoecimentos e, consequentemente, sofrimento psíquico.

Em muitos momentos do período, precisei me afastar completamente das atividades acadêmicas, logo, precisei parar, observar, entender e ter um olhar mais atento e afetuoso para esse tempo, principalmente, para o meu processo de formação.

Embora a pandemia já tenha me (nos) ensinado que a vida em si se dá a partir de elementos que, muitas vezes, são incontroláveis, comecei o período com um planejamento pautado, prioritariamente, no tempo ensejado para conclusão do curso e, também, das disciplinas que eu gostaria de cursar no período. Inicialmente, houve [o desejo] de desistir de algumas disciplinas, foi preciso me olhar com mais afeto para aceitar o incontrolável (Portfólio Acadêmico, 2023).

⁵ Os Seminários Articuladores de Conhecimentos pertencem ao Eixo Curricular “Pesquisa na Educação Física” e referem-se à unidade curricular que oficializa um tempo de reflexão coletiva com os acadêmicos de cada turma, em cada período do curso. Têm a finalidade de articular os saberes mobilizados nas respectivas atividades curriculares obrigatórias ofertadas a cada semestre, bem como promover atividades coletivas e interativas entre licenciandos e formadores (Ufes, 2014). Nessa unidade curricular, produz-se um portfólio de formação, neste texto designado como portfólio acadêmico.

Por outro lado, a pandemia também abriu espaço para a valorização de práticas introspectivas do corpo, para além das ações que comumente se concentram na Educação Física, como movimentos e performances externas. Desse modo, refletia com Josso (2012, p. 27), que

Pouco a pouco, este corpo [...] deixa-se descobrir, cativar em sua profundidade, em seus acontecimentos internos, em sua animação, sua movimentação, na emergência de sensações inéditas, em caleidoscópios de cor e às vezes de imagens, de ideias, ou num mutismo, numa noite ou numa atmosfera cinzenta.

A estudante-autora reconheceu que havia muito ainda que refletir sobre esse momento de formação, mas entendia que “[...] acima de tudo, porém, é preciso que as relações no espaço acadêmico sejam de construção de sentido que humanizem e sirvam de alimento para o pensamento e não de inanição” (Xavier; Nunes; Santos, 2008, p. 430).

Em seu memorial, a estudante-autora pontua que outro elemento notado na experiência virtual envolvia as desigualdades de acesso às tecnologias, evidenciando disparidades entre os estudantes que, muitas vezes, não dispunham de ambientes e recursos adequados para o aprendizado. O isolamento físico imposto pelo ensino remoto também afetou a motivação e o senso de pertencimento, elementos essenciais para o aprendizado coletivo característico da Educação Física. Assim, embora a virtualidade tenha se configurado como uma alternativa emergencial, o memorial defende que ela não substitui a presencialidade, mas serve como um ponto de reflexão sobre a integração das tecnologias como recursos complementares para o desenvolvimento pleno das práticas e dos saberes corporais na formação docente.

Com o retorno ao ensino presencial, após um longo período de aulas remotas, havia uma reflexão sobre a exaustão acumulada ao longo dos semestres de ensino a distância e sobre a necessidade de restabelecer a conexão com o seu processo de (trans)formação. É possível identificar a complexidade desse retorno. Embora as aulas presenciais tenham sido retomadas, a experiência formativa não pode ser completamente recuperada, uma vez que as interações e os movimentos corporais ficaram ausentes por um longo período do processo:

Em 2022, depois de quatro semestres inteiros vividos remotamente, exausta das horas e mais horas em frente as janelas do computador e vivendo em um luto coletivo pelas tantas mortes pela Covid-19, finalmente, o retorno (ou seria o início?) das aulas presenciais (Memorial de Formação II, 2023, p. 54).

A pandemia acabou, mas há, ainda, muito que se aprender e descobrir sobre ela e o que fazer depois dela (Memorial de Formação II, 2023, p. 62).

Sobre a complexidade do processo de (trans)formação, a estudante-autora convida para a conversa com as suas reflexões João Guimarães Rosa (1967, p. 52), que dizia em *Grande sertão: veredas*:

A gente vive repetido, o repetido, e, escorregável, num mim minuto, já está empurrado noutro galho. Acertasse eu com o que depois sabendo fiquei, para de lá de tantos assombros... Um está sempre no escuro, só no último derradeiro é que clareiam a sala. Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

Assim, como o autor afirma que “o real não está na saída nem na chegada”, mas no “meio da travessia”, a estudante-autora aponta que sua experiência não se encontra em um ponto fixo, mas nas tensões e nos desafios vividos ao longo da jornada. Dessa forma, a reflexão de Guimarães Rosa ilumina a importância do “meio” como espaço-tempo significativo para a formação.

Entre as fontes que sustentam sua escrita, a professora em formação utiliza seu portfólio acadêmico, registros visuais e memórias para contextualizar a narrativa e explorar o modo como as experiências vividas durante esse processo impactaram sua formação. O relato evidencia as experiências que configuraram um processo contínuo de (trans)formação, enfatizando a relação entre passado e presente, a individualidade e a coletividade, a presencialidade e a virtualidade. O retorno às aulas presenciais é descrito como uma experiência mista de cansaço e euforia, na qual os desafios impostos pela pandemia persistiram. Assim, ao passo em que o memorial aponta lacunas, realça também a construção de *experiências formadoras* em meio às adversidades.

4 Tornar-se professora de Educação Física durante a pandemia de Covid-19: experiências (des)conectadas

A convergência entre os relatos analisados destaca a pandemia de Covid-19 como um divisor de águas comum, que desafiou e reconfigurou as práticas educacionais e a constituição das identidades docentes. A dualidade entre “a ausência inicial de práticas corporais” e a “adaptação posterior às práticas corporais por via remota”, e entre “a formação como um bordado inacabado” e “a pandemia como oportunidade emergente”, produziu uma tessitura que revela a natureza multifacetada dos processos formativos. Nesse contexto, as narrativas se conectam na experiência comum de enfrentar os desafios da docência em tempos de incertezas, ao mesmo tempo que se desconectam pelos diferentes espaços e tempos em que cada estudante vivenciou a pandemia em sua formação.

Em suma, as experiências compartilhadas pelas licenciandas, em narrativas singulares, ilustram a formação em Educação Física como um espaço/tempo de estudos que possibilita a compreensão do corpo e das práticas corporais como meios para explorar o mundo e o movimento como possibilidade de existência (Rezer; Afonso; Silva, 2022). Desse entrelaçamento entre passado, presente e futuro, emerge uma reflexão sobre os impactos emocionais, sociais, profissionais e afetivos da pandemia na formação docente.

No percurso de escrita do primeiro memorial, a professora em formação enfrentou os desafios impostos pela pandemia da Covid-19, que atrasou sua graduação em seis meses. O estágio supervisionado, uma etapa pela qual ela nutria grandes expectativas, foi realizado de forma remota, alterando completamente a dinâmica esperada. A suspensão das aulas presenciais na universidade e nas escolas, assim como a interrupção dos estágios e das atividades de extensão, forçou o retorno das atividades acadêmicas por meio do ensino remoto emergencial. Esse cenário eliminou o contato direto com professores, colegas e a vivência nas escolas, substituindo as práticas formativas presenciais por aulas em plataformas *on-line*.

Essa mudança desencadeou, na estudante, dúvidas e conflitos internos, pois a formação, antes pautada pela experiência presencial, cedeu espaço à incerteza quanto ao futuro e à identificação com a docência em Educação Física. Apesar disso, no caso específico dessa estudante-autora, a impossibilidade de vivenciar o estágio supervisionado presencialmente foi atenuada pelas experimentações anteriores em diferentes contextos pedagógicos. A experiência acumulada em projetos e programas, como o laboratório de Educação Física adaptada, o Pibid

e um projeto de natação antes da pandemia, proporcionou subsídios fundamentais para sua formação docente. Como registrado em seu memorial:

Apesar das disciplinas de Estágio Supervisionado [...] terem sido realizadas por meio do ensino remoto, posso dizer que as experiências pedagógicas desenvolvidas nas práticas dos projetos e programas [...] de alguma forma, substituíram as vivências com a docência na área da Educação Física que seriam possibilitadas durante esses estágios (Memorial de Formação I, 2022, p. 65).

No contexto do Programa Residência Pedagógica, a estudante enfrentou desafios adicionais, especialmente na gravação de aulas e na avaliação remota de alunos de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI). A Educação Infantil, cujo ensino da Educação Física se estrutura na interação corporal, exigiu criatividade e adaptação, como apontado pela licencianda:

Tivemos que 'criar' e buscar de forma independente como fazer o conteúdo da Educação Física chegar aos alunos no contexto de pandemia [...] pesquisamos sobre gravação de vídeo e edição, demandas trabalhosas e demoradas, principalmente para aqueles sem experiência com essas ferramentas (Memorial de Formação I, 2022, p. 66-67).

Em contrapartida, a reflexão do segundo memorial aponta as lacunas deixadas pelo ensino remoto no momento da experiência docente no Estágio Supervisionado. A ausência de experiências práticas anteriores influenciou significativamente a elaboração das aulas, especialmente com os desafios de adaptação para inclusão de crianças com deficiência. Esse estágio, conforme Andrade (2005, p. 2), representa um momento crucial na formação do licenciando, pois é nele que o graduando

[...] vai assumir pela primeira vez a sua identidade profissional e sentir na pele o compromisso com o aluno, com sua família, com sua comunidade, com a instituição escolar, que representa sua inclusão civilizatória, com a produção conjunta de significados em sala de aula, com a democracia, com o sentido de profissionalismo que implique competência - fazer bem o que lhe compete.

Diante dos desafios de preparar aulas a distância e da percepção sobre a qualidade pedagógica inerente ao ensino presencial, a estudante-autora do primeiro memorial valorizou

esses momentos como aprendizagens significativas para a futura prática profissional. Ao concordar com González e Borges (2015), que discutem o modo como a construção do saber docente é alterada ao longo da trajetória profissional do professor, e como, dependendo de determinados acontecimentos, o docente pode adquirir um saber diferente do que possuía anteriormente sobre o mesmo tema, considerou-se essa experiência importante para a construção de outros conhecimentos. Isso se deve ao fato de que, no momento da escrita do memorial, não se sabia se as aulas futuras seriam presenciais, a distância ou em formato híbrido. Contudo, a estudante-autora também manifesta preocupações em relação ao novo formato de ensino mediado pela tecnologia.

Com a intervenção e com os resultados obtidos a partir da experiência, reconheço que a prática docente na modalidade remota na disciplina de Educação Física é possível, ou pelo menos, tornamos possível. Os vídeos, as fotos e os áudios que recebíamos dos alunos sobre as aulas, indicavam que as crianças estavam realizando as atividades em casa. Porém, não obtivemos devolutivas de todas as crianças realizando as atividades propostas e, dessa forma, não pudemos fazer uma avaliação da progressão de aprendizagem e impacto sobre a nossa participação no roteiro prático do 'chão' do CMEI, o que foi a nossa preocupação durante o programa (Memorial de Formação I, 2022, p. 67).

As narrativas das estudantes-autoras enfatizam que a formação no Ensino Superior é um processo complexo, que deve ser constantemente reavaliado. As experiências de cunho teórico-prático são fundamentais para que os acadêmicos se apropriem dos conhecimentos necessários para sua futura profissão. Contudo, a limitação dessas experiências durante o ensino remoto levanta preocupações sobre a preparação dos futuros educadores, uma vez que a formação docente, em geral, e a formação docente em Educação Física, em particular, não pode se limitar a aprendizados distanciados das experiências coletivas no sentido *benjaminiano*. A essa dimensão coletiva, se soma àquela proposta por Josso (2012, p. 25), que envolve o corpo, pois:

A dimensão corporal das vivências, como a dimensão das vivências corporais, oferece assim ao longo de toda a existência potencialidades de tomadas de consciência sobre a natureza aberta, evolutiva, maleável, autopoietica de nosso ser-no-mundo, dispondo, portanto, de um Si num potencial enorme ainda por descobrir.

É essencial que educadores em formação tenham oportunidades de experienciar e refletir sobre a constituição das experiências em ambientes nos quais seja possível o contato

corporal com o outro, locais em que possam interagir e se conectar com professores, estudantes e suas experiências. Como lamenta a estudante-autora,

[...] o ensino remoto deixou/deixa lacunas com relação à formação. Me permito, nesse momento, devanear sobre como teria sido meu processo de (trans)formação inicial potencializado pelas relações presenciais, olho no olho, com os outros sujeitos que caminharam/caminham comigo (Memorial de Formação II, 2023, p. 22).

No Memorial de Formação II (2023), a reflexão aponta que a pandemia de Covid-19 comprometeu sem precedentes a formação inicial em Educação Física, causando impactos emocionais, sociais, profissionais e afetivos que moldaram a experiência da estudante-autora. Ela menciona que:

Escrever este memorial foi difícil. Primeiro, porque não há como pensar minha formação sem pensar nos mais de setecentos mil óbitos registrados por conta da pandemia e, depois, porque exigiu um exercício de exposição sobre minhas experiências durante esse processo (Memorial de Formação II, 2023, p. 61).

Essa reflexão traz à luz a carga emocional que permeou a trajetória formativa da estudante, destacando a intersecção entre a experiência pessoal e o contexto social mais amplo. Essa realidade carrega um peso emocional significativo e transforma a construção da identidade docente em um processo imbuído de reflexões sobre a vulnerabilidade e a complexidade das experiências vividas em um cenário devastador. Ao expor suas emoções, a autora destaca a importância de reconhecer o modo como a dor coletiva influencia a formação individual, revelando um aspecto fundamental da educação que não pode ser ignorado.

Além das questões emocionais, a estudante-autora aborda a necessidade de repensar as práticas pedagógicas em resposta ao distanciamento social imposto pela pandemia. Nos dois memoriais, os questionamentos sobre o que foi aprendido e o que ficou ausente no campo da Educação Física durante esse período fomentam uma crítica à maneira como as interações sociais, essenciais para a prática da disciplina, foram prejudicadas. A Educação Física, tradicionalmente baseada em vivências coletivas, enfrenta o desafio de adaptar suas metodologias para um novo cenário.

Assim, as narrativas se conectam à experiência comum de enfrentamento aos desafios impostos pela pandemia e se desconectam nos percursos individuais de adaptação e orientação

da docência. Se, nesse início, elas se alinham na incerteza e nas perdas vividas, nos últimos anos da graduação, elas se desdobram em múltiplas complexidades. A pandemia, que parecia um corte abrupto, emerge, ao final, como um elemento paradoxal: ruptura e possibilidade, ausência e reinvenção, distância e redescoberta de outras formas de ensinar e aprender o corpo em movimento.

Por fim, conectados pela experiência da pandemia de Covid-19 e pelo distanciamento que ela provocou, os memoriais analisados neste texto tocam em elementos caros ao campo da Educação Física: o corpo e as práticas corporais. Ambos relatam experiências de vida e formação individuais que passam pela análise do ensino de saberes (corporais) específicos e pelas experiências corporais das estudantes-autoras, que em suas narrativas deixam marcas “[...] como a mão do oleiro na argila do vaso” (Benjamin, 1994, p. 205). Assim, o memorial de formação se apresenta como espaço/tempo de passar adiante as histórias vividas e figura como caminho para conferir sentido à própria formação experienciada e à vida.

A constituição de uma relação com saberes relacionados com as práticas corporais em atividades remotas durante o período pandêmico demandou adaptações metodológicas significativas e flexibilidade das estudantes-autoras que se dispuseram a narrar. Com isso, a transição para o ensino remoto foi desafiadora para a produção de conhecimentos sobre as práticas corporais e sobre os saberes docentes em estágios supervisionados, os quais se fundamentam na coletividade e na experiência presencialmente compartilhada.

Neste contexto, essas práticas e esses saberes, comumente desenvolvidos em interação e em movimento, foram limitados, dificultando a construção de conhecimentos específicos que se consolidam no fazer e no sentir coletivo. Nos memoriais de formação analisados, produzidos entre 2020 e 2023 como TCCs, emergiram narrativas que destacam o esforço das duas futuras professoras em ressignificar suas práticas e explorar a criatividade de recursos tecnológicos como uma alternativa para suplantá-la, ainda que parcialmente, a experiência compartilhada necessária para a internalização dos conhecimentos docentes e corporais.

Esses memoriais indicam que, apesar das limitações do formato remoto, a pandemia desencadeou aprendizagens sobre novas maneiras de apreender esses conhecimentos e de manter uma conexão, ainda que adaptada, com os saberes específicos da área. Isso exigiu das professoras em formação uma ressignificação de suas práticas e uma busca por alternativas para a construção de saberes docentes que, tradicionalmente, ocorrem em ambientes presenciais e coletivos.

5 Considerações finais

Quando Benjamin (1994) analisava a degradação da *Erfahrung* e de como a técnica e o mundo capitalista podem matar a experiência, ele defendia um modo artesanal de narrar, vinculado ao trabalho manual, à presencialidade, à coletividade, à corporalidade. Questionamos, inicialmente, neste texto, sobre como é possível construir experiências coletivas em tempos de distanciamento social: como é possível produzir conhecimentos, aprender e ensinar mediatizados pelas tecnologias do nosso tempo? Exercemos, ainda, a nossa capacidade de narrar e de intercambiar experiências?

Acreditamos que, ao longo dos desafios impostos pelo processo pandêmico vivido globalmente, que nos distanciaram corporalmente, diversas possibilidades de construção coletiva de experiências se perderam, ao mesmo tempo em que aprendemos a ressignificar os nossos modos de interação. Nesse processo, os memoriais de formação contribuíram para compreendermos desafios e oportunidades vivenciados pelas professoras em formação, e se configuraram como possibilidades de rememoração, como espaços-tempos de reflexão e de ressignificação da vida em tempos tão complexos.

Os memoriais foram escritos individualmente, orientados a distância e produzidos no isolamento; mas são perpassados por vozes que focalizam o eu, o outro e o nós (Tezza, 1988), porque são feitos de memórias das experiências vividas no contato com o outro. Esses textos se transformaram, para as professoras em formação, em possibilidades de diálogo com esses tantos outros e com elas mesmas em uma jornada (auto)formativa repleta de memórias do vivido em diferentes momentos de suas trajetórias. Escrever tornou-se um modo de contar histórias, de compreender os próprios percursos, de refazer caminhos, de descobrir-se, de lamentar-se e de realimentar esperanças.

Temos defendido o memorial de formação como dispositivo de pesquisa-formação, que possibilita tecermos análises sobre o processo formativo em sua multiplicidade, abrindo caminhos para ressignificações da formação. Na especificidade do contexto da pandemia de Covid-19, ele também se mostrou como espaço para reconstituição de reminiscências, como aquela que, para Benjamin (1994, p. 224), “relampeja no momento de um perigo”.

Nesse contexto, o memorial de formação se mostrou como possibilidade de manter vivas as próprias memórias, de alentar-se e, até mesmo, de intercambiar experiências, ainda que virtualmente, com familiares, com os colegas e com a orientadora, que também aprendia e

compartilhava enquanto exercia o seu papel profissional. Esse intercâmbio é possível, agora, por meio das histórias que compartilhamos neste texto.

Referências

- ABRAHÃO, M. H. M. B. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/8708>. Acesso em: 27 maio 2025.
- ANAVITÓRIA. **Me conta da tua janela**. Artista. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6oEwV0l34zhnC7OmAqmHjY>. Acesso em: 6 jul. 2024.
- BATISTA, F. O. “**Me conta da tua janela**”: formação inicial em Educação Física em tempos de pandemia. 2023. 67 f. Memorial (Licenciatura) – Curso de Educação Física, Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1).
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, Diário Oficial da União, 12 dez. 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, Diário Oficial da União, 24 maio 2016.
- DUBET, F. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, p. 86-95, 1994.
- FIGUEIREDO, Z. C. C. Experiências sociocorporais e formação docente em Educação Física. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 85-110, jan./abr. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2395>. Acesso em 15 abr. 2025.
- GOMES, E. S.; SANT’AGOSTINO, L. H. F.; BETTI, M. Expressão corporal e linguagem na Educação Física: uma perspectiva semiótica. **Revista mackenzie de educação física e esporte**, [S.I.], v. 4, n. 4, p. 29-38, 2005. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1307>. Acesso em: 15 abr. 2025.
- GONZÁLEZ, F. J.; BORGES, R. M. Conhecimentos acadêmicos, saberes e afazeres pedagógicos do professor de Educação Física: mapeando vínculos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 27, n. 44, p. 36-48, maio. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2015v27n44p36>. Acesso em: 15 abr. 2025.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Trad. José Claudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004. 285p.

JOSSO, M. C. O corpo biográfico: corpo falado e corpo que fala. Trad. Albino Pozzer. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 19-31, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/rXZF6DgbGRsjFDTvDFCD5YR/>. Acesso em: 27 maio 2025.

PASSEGGI, M. C. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267>. Acesso em: 27 maio 2025.

PIZZIMENTI, C. Sou feita de retalhos. **Facebook**, 2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/UmaPitadaDeEncantoByCrisPizzimenti/posts/sou-feita-deretalhos-pedacinhos-coloridos-de-cada-vida-que-passa-pela-minha-e-q/1313050952173063/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

QUARANTA, A, M.; PIRES, G. Histórias de vida e experiências docentes no estágio supervisionado de licenciandos em Educação Física-modalidade EAD. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 185-205, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/236120/2013-art-periodicos-15.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 maio 2025.

REIS, G. O. “**Sou feita de retalhos**”: a formação inicial entre a ausência de práticas corporais e a docência em Educação Física. 2022. 79 f. Memorial (Licenciatura) – Curso de Educação Física, Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

REZER, R.; AFONSO, M. R.; SILVA, I. Apresentação - Ecos da pandemia: a Educação Física e as crises de nosso tempo... **Motrivivência**, Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 1-7, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/89760>. Acesso em: 15 abr. 2025.

ROSA, J. G. **Grande sertão**: veredas. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967, p. 52.

SILVA, A. M. *et al.* Corpo e experiência: para pensar as práticas corporais. In: FALCÃO, J. L. C.; SARAIVA, M. C. (org.). **Práticas corporais no contexto contemporâneo**: (in)tensas experiências. Florianópolis: Copiart, 2009, p. 10-27.

SILVA, A. V. Memorial de formação: dispositivo de pesquisa-formação no/do estágio supervisionado. In: PASSEGGI, M. C.; VICENTINI, P. P.; SOUZA, E. C. (org.). **Pesquisa (auto)biográfica**: narrativas de si e formação. 1. ed. Curitiba: CRV, 2013, p. 83-97.

SOUZA, E. C. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação**, Santa Maria, v. 39, n.1, p. 39-50, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/edufsm/v39n01/v39n01a04.pdf>. Acesso em: 27 maio 2025.

TEZZA, C. Discurso poético e discurso romanesco na teoria de Bakhtin. In: FARACO, C. A. *et al.* (org.). **Uma introdução a Bakhtin**. Curitiba: Hatier, 1988, p. 51-71.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – Ufes. **Projeto pedagógico do curso de Licenciatura em Educação Física**. Centro de Educação Física e Desportos: Colegiado de Licenciatura em Educação Física, 2014.

WOSIEN, B. **Dança**: Um caminho para a totalidade. São Paulo: Triom, 2000.

XAVIER, A; NUNES, A; SANTOS, M. Subjetividade e sofrimento psíquico na formação do sujeito na universidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 427-451, jun. 2008. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000200008. Acesso em: 14 abr. 2025.

Enviado em: 29/05/2025

Aprovado em: 06/08/2025